

“ACREDITO QUE O MUNDO QUER MAIS AMOR”¹: O QUE A PASTORAL DA JUVENTUDE ESPERA DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Ir. Joilson de Souza Toledo, FMS*

* Irmão Marista, teólogo, acompanha os pré-postulantes da província e assessora a Pastoral da Juventude na periferia de Vila Velha/ES. Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional. É Mestre em Ciências da Religião pela PUC GOIÁS e Pós-graduando em Juventude no Mundo Contemporâneo pela FAJE.

¹ Mais amor. Seu Cuca. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IZ-Z7UNO6g>>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

² HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*. Petrópolis: vozes, 2008.

³ Dick, Hilário. *O mínimo do mínimo para anunciar uma boa-nova à juventude*. Curitiba: Champagnat, 2013; SOFIATI, Flavio M.. *Juventude Católica: o novo discurso da teologia da libertação*. São Carlos: EdUFSCar: 2012.

Resumo:

Dentro da Igreja Católica existem várias juventudes. No presente artigo, a partir de um vídeo de um Religioso e falas de jovens de diversos lugares do Brasil, buscamos nos aproximar do que a Pastoral da Juventude espera da Vida Religiosa. Em sintonia com o caminho proposto pelo papa Francisco, queremos que a Vida Religiosa Consagrada seja um testemunho de pessoas humanas próximas, dispostas a construir uma Igreja pobre e para os pobres.

Falar de juventude no alvorecer do século XXI é falar de pluralidade, por isso, há alguns anos, usamos o termo *juventudes* nas Ciências Sociais, na Teologia e nas Ciências da Religião. Não só a condição juvenil é plural, mas também as juventudes que estão dentro Igreja Católica são plurais. Há diversas configurações da fé².

Neste artigo fizemos duas escolhas. Uma é de focar na Pastoral da Juventude (PJ) que tem por referência da Teologia da Libertação, que se reconhece filha das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e neta da Ação Católica³. A

outra escolha foi fazer do artigo um exercício de diálogo com alguns jovens⁴.

Dialogando com jovens tentamos esboçar uma teologia da Vida Religiosa Consagrada (VRC) em sintonia com o processo sinodal. O caminho que o Papa Francisco nos propõe, os anseios dos jovens e o discipulado hoje pedem *mais amor*. Um mergulho na misericórdia de Deus a partir do seguimento de Jesus vivenciando um amor sem medidas, tensionando escolhas, posturas e sentimentos até chegarem a estatura de Cristo (Ef 4,13)... É o que você encontrará nestas páginas.

1. O princípio e o fim: a força arrebatadora do testemunho

Era início de janeiro de 2012 e mais de quinhentos jovens de todos os Estados do Brasil estavam no 10º Encontro Nacional da PJ na cidade de Maringá. Todos os jovens estavam em silêncio e olhavam para um telão comovidos com a palavra-presença de um Religioso de mais de 80 anos⁵. Este era Pedro Casaldáliga, bispo emérito da Prelazia de São Felix do Araguaia/MT. Ele falava ao coração daqueles jovens, dialogava com suas mais profundas esperanças. Reascendia sonhos, provocava utopias. Em seu vídeo-

⁴ Na construção deste artigo dialogamos com vários jovens de faixas etárias e localidades diferentes. Todos vindos da PJ e com experiências eclesiais diversas: coordenadores de grupos de jovens, assessores e coordenadores das articulações diocesanas e paroquiais, que estão em serviço de âmbito nacional da PJ. São eles: Milena de Jesus Oliveira, 20 anos, de Vila Velha/ES; Denis Willian Rocha Trancoso, 17 anos e Tiago Carvalho Santos, 27 anos, de Ribeirão das Neves/MG; Laisa Silva Campos, 25 anos e Ismael Deyber, de Belo Horizonte/MG; Davi Rodrigues da Silva, 26 anos, de Passo Fundo/RS; Carlos Alberto Nunes Junior, 25 anos, de Aracaju/SE; Leandro Galdino Teixeira, 25 anos, Franciele Ferreira de Andrade Duarte, 20 anos e Vanessa da Silva Bento, 21 anos, de Três Rios/RJ; Marcela Santos Teixeira, 27 anos, Rio das Flores/RJ; Felipe Oliveira, 25 anos, de Duque de Caxias/RJ; Igor Fontes Vieira do Canto, 18 anos, de Vassouras/RJ; Francimar da Silva Correa, 28 anos, de Valença/RJ; Renan Gentil dos Santos da Cruz, 23 anos, de Japeri/RJ; João Oscar de Freitas Rodrigues Porfírio, 26 anos, de Barra Mansa/RJ; Erick Jonathan Oliveira Teixeira, 24 anos, de Silvania/GO; Helia Marina Monteiro, 24 anos, de Nova Iguaçu; Nataly Nunes Braga, 25 anos, de Niterói/RJ; Francisco Gelmo Pinto de Sousa, 23 anos, de Itapipoca/CE; Marcos Abraão Silva da Silva, 23 anos, de Santarém/PA. Na medida do possível as falas deles serão citadas no corpo do artigo.

⁵ Mensagem de Dom Pedro Casaldáliga ao 10º ENPJ. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qs7UTJFlnZ0&t=307s>>. Acesso em 28 jun 2018.

-mensagem convidava os participantes do encontro à “ser pessoa do Evangelho, a não ter vergonha de ser feliz com um evangelho exigente, mas que plenifica”. E concluía com a precisão que lhe é característica:

“A juventude incomoda, em parte, é missão incomodar, incomodar sem amargura [...] Eu ando de bengala, caducando um pouco, mas a esperança não caduca. E digo, Deus é amor. Nós somos amor, egoísmo e medo, mas também esperança”.

No entanto, parece um lugar comum entre os Religiosos dizer que o principal desafio para se aproximar das juventudes é a idade. E porque então com este senhor é diferente? Nesta situação pensamos estar o coração do que os jovens da PJ esperam da VRC. O que se espera da VRC é mulheres e homens que vivam o seguimento de Jesus com tamanha paixão que se constituam companheiros de caminhada dos demais. Pessoas que não se perdem em definições hierárquicas, ou distinções periféricas, mas que arriscam se apoiar no amor Daquele que as chamou.

Se não é o envelhecimento o principal empecilho, o que seria? Talvez seja a maneira como muitos envelhecem na VRC, e isso é consequência das escolhas feitas durante a vida, ou seja, é a nossa maneira de ser Religiosos e não a idade que tem nos afastados das juventudes. E os jovens, em especial os que estão na PJ, esperam de nós o que Pedro Casaldáliga profetizou: “Ser o que se é, falar o que se crê, crer no que se prega, viver o que se proclama até as últimas consequências”.

2. Gente que escolheu seguir Jesus se dedica ao Reino

Agora, trabalharemos os elementos que aparecem nas falas/textos dos jovens. A maneira como acionaram a memória religiosa, em suas falas, revela como compreendem, vivenciam e expressam a fé. Um dos jovens chega a dizer:

“quando falamos da importância da Vida Religiosa, temos que ter um pouco de cuidado e analisar o tema sob diferentes matizes. A Vida Religiosa nem sempre é uma libertação ou nem sempre uma coisa que

ajuda, às vezes pode ser uma coisa que prende.”

Espera-se que o Religioso seja gente, pois dizem os jovens “quando vejo uma pessoa religiosa, vejo ali um ser humano, o qual, com todos os seus acertos e erros, angústias e sonhos, resolveu fazer da própria vida uma dedicação de serviço constante”. Lembremos que na caminhada da Igreja Latino Americana a frase de São Leão Magno “Tão humano assim só mesmo Deus” tornou-se um marco. De um Consagrado espera-se uma pessoa profundamente humana e por isso sacramento do divino. Alguém profundamente aberto ao transcendente e por isso mergulhado no humano. O diferencial que os jovens ligados à PJ esperam dos Religiosos e das Religiosas não são os sinais externos, mas sim o *jeito de ser, crer e viver*.

A humanidade, a dedicação, a entrega e o seguimento de Jesus caminham juntos nos discursos desses jovens. A experiência latino-americana vincula o seguimento de Jesus à opção pelo Reino e esses jovens seguem esta trajetória. Um dos jovens afirma que espera da VRC “a prática dos valores evangélicos, tendo como

pressuposto básico a entrega radical ao projeto de seguimento de Jesus de Nazaré”.

“Esse modo de viver dos Religiosos na simplicidade é que me encanta e me aproxima da experiência simples de Jesus de Nazaré. Sua doação de vida de forma integral, que vai em missão, não obstante a saudade da família que acaba ficando distante geograficamente, joga-os na aventura de viver a fidelidade ao Evangelho intensamente”.

Desta forma a VRC “se torna a cada dia o forte sinal da presença de Deus no meio de tantas coisas negativas que assolam a humanidade.” Nos Consagrados os jovens reconhecem “a experiência da intimidade com o Senhor, a Vida Religiosa os remete a essa serenidade de quem se silencia para um bate papo íntimo com Deus.” E muitos, ao falarem disso, trazem nomes e histórias de Religiosas e de Religiosos que marcaram suas vidas. Gente que:

“consegue transformar tudo o que aprendeu em sua vida em um ato de caridade, consegue transmitir seus ensinamentos através de ações práticas e

humanas. Está aí a importância da Vida Religiosa, ser esse sinal do Cristo humano, que fez e faz a escolha por uma vida dedicada a quem precisa de alimento para o corpo ou para a alma.”

Estes jovens reconhecem a VRC como chamado e processo e esperam que os Religiosos e as Religiosas sejam pessoas dispostas a fazer caminho. “A Igreja só tem a ganhar com a presença encorajadora, clara, vigorosa e vivaz de homens e mulheres transparentes, que chamamos carinhosamente de Irmãs ou Irmãos”. A Igreja precisa de gente que seja sinal, e para os jovens a “VRC é importante para dar vigor à Igreja neste mundo de correria e superficialidade. A VRC tem uma importância fundamental para a Igreja e para a sociedade, pois é testemunho de Cristo e da vida fraterna”.

3. Proximidade e acompanhamento

No imaginário dos jovens da PJ, a VRC é essencialmente lugar da proximidade. Gente que segue Jesus na relação com outras pessoas. Hoje, com a diminuição do

número de Religiosos e Religiosas, vivemos o desafio de equacionar as obras e em algumas famílias religiosas estamos tão ocupados em sobreviver que não há tempo para viver (Mt 16,25). Para estes jovens: “os Religiosos têm um trabalho a realizar no meio do povo. Mais comum pra mim é ver Irmãos e Irmãs no meio do povo. Eu espero destas pessoas, que elas contribuam para a formação dos jovens”.

Com a presença da VRC junto a eles, estes jovem em vários momentos vivem e querem continuar a “experimentar de maneira tão profunda, a doçura do cuidado, a fraternidade de um Religioso, a entrega e a preocupação com o mundo que sofre e com a formação de seres humanos para mudar o mundo, essa humildade e caridade”.

A PJ em sintonia com a herança da Ação Católica e das CEBs preza pela assessoria, por gente que se disponha a caminhar junto, a “sentar-se ao lado de”. Os jovens esperam da VRC proximidade e acompanhamento: “estar juntos, comer juntos, partilhar os sonhos, saber ouvir a juventude, acreditar que os jovens podem fazer as coi-

sas acontecer”. Esperam que os Religiosos e Religiosas “se façam presentes e estejam dispostos a acompanhar os jovens. Esperam que as pessoas vocacionadas à Vida Religiosa consigam viver isso de forma autêntica e coerente, sendo cuidadoras e acolhedoras, a fim de se tornarem referências na construção do projeto do Reino”.

“As juventudes estão carentes de referências e de afeto e aí veem nas pessoas religiosas um porto seguro, uma possibilidade de escuta e auxílio. Quando temos Religiosos dispostos a acompanhar as juventudes, vemos o diferencial que se dá nesse processo.”

Esperam que na VRC existam pessoas para acompanhar seus projetos de vida. Estas pessoas

“podem ajudar nos processos de discernimento, ser companheiras de busca, pessoas com as quais se pode contar na escuta. Contribuem no processo de amadurecimento da fé, testemunham, ajudam a entender o sentido da vida comunitária, o positivo e o desafiador. Muitos jovens perdem o sentido da fé porque a Igreja nem sempre possibilita

isso. Uma casa religiosa aberta pode ser um bom porto para a interiorização e o crescimento pessoal dos jovens.”

Dizem que “a importância da Vida Religiosa hoje é se ter algo em que acreditar diante de uma sociedade tão vazia cada vez mais individualista”. Estes jovens esperam que a VRC seja “sinal concreto do Reino e do sim ao projeto do Cristo Libertador”. Para um destes jovens “quando pensamos num Religioso, temos sede de uma reflexão mais coerente, estamos ávidos pelo que ele pode trazer para nós.”

Pela maneira que se dedicam a ouvir a Deus - não por necessidade de sobrevivência institucional - este deveria ser um ponto importante da relação da VRC com os jovens. Um dos jovens chega a dizer:

“Penso que essa aproximação nos ajuda também no processo de discernimento vocacional. Nós jovens precisamos muito de um acompanhamento mais próximo nesse quesito, e os Religiosos vivem constantemente esse processo, ajudando-nos assim a clarear nossas questões.”

Chegam a dizer que “sou como um modelo de vida que inspira muitos pejoteiros”⁶ a ser mais gente, a ter mais empatia, a cuidar mais de seus momentos de oração pessoal e em comunidade, a experimentar o “que Jesus faria se estivesse aqui”. Um jovem partilha que:

“Todas as experiências com Religiosos e Religiosas que eu tive, mexeram muito com o meu jeito de ser e pensar, emocionaram-me, provocaram, converteram, alimentaram a mística, deixaram-me apaixonado pela missão de servir, aproximaram-me do rosto terno de Deus. Sou provocado e estimulado com o vigor e total doação de vida dessas mulheres apaixonadas pela missão de servir, estão entre os grupos de jovens dando esse bonito testemunho vivo e despertando vocações de jovens que se apaixonam por esse modelo e veem que é uma vida que vale a pena ser vivida, que traz muita felicidade.”

O desafio é que se, por um lado, o pós-concílio motivou uma ida em massa para as periferias.

Por outro, um conjunto de vocações vindas das experiências eclesiais dos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, não seguiram o mesmo caminho, e também existe a diminuição de quadros, por isso um jovem chega a dizer:

“A relação da juventude com a Vida Religiosa, infelizmente é cada vez menor. Talvez pelo fato de termos hoje uma Vida Religiosa predominantemente idosa e pequena. Talvez essa seja uma das causas desse afastamento. No entanto, cabe refletir se esse dado das congregações já não é um reflexo de suas políticas de atuação.”

Um dos jovens chega a alertar que “o caminho de uma ação estritamente vinculada ao seu carisma é prova de apego institucional que não supera seu egocentrismo institucional para a vivência de um bem comum”. Esses jovens sabem e lembram que “a relação com a vida juvenil é algo profundamente exigente e requer entrega e escuta atenta.” Dessa forma, os Consagrados se tornam um suporte para contribuir com os jovens na caminhada. Um jovem chega a dizer:

⁶ Como são chamados os jovens que participam da PJ.

“Eu vejo como maior importância a missão, ir onde ninguém mais vai, não ter onde repousar a cabeça (Mt 8,20). Torna-se mais que necessário o trabalho dos Religiosos que alcançam os mais pobres e estão de fato no meio do povo, o povo das comunidades de base, o povo de rua, o povo que vê neles a esperança necessária para acreditar em Cristo e na Igreja. A Igreja que o Papa Francisco pede que seja em saída, neles já acontece e floresce.”

4. Opção preferencial pelos pobres

Aqui se encontra uma das belezas e um dos grandes sinais de contradição da VRC. Temos espalhados pelo continente inúmeros testemunhos de Religiosas e Religiosos nas fronteiras. No entanto, nem sempre enquanto grupo/instituição somos vistos assim. Aliás, um dos desafios dos olhares que os jovens que estão na PJ têm da VRC é que, por vezes, vê-se pessoas muito comprometidas, mas isso não é visto em conexão com suas respectivas congregações. Frequentemente, parece que algumas posturas e atividades boas são feitas por Religiosos para além da congregação e contra o cami-

nho hegemônico. Nisso os jovens esperam que as congregações sejam um coletivo de testemunho. Resguardando a pluralidade saudável e os níveis de contradições inerentes à pessoa humana, é preciso conectar os caminhos das congregações ao Evangelho. Pois,

“numa Igreja onde os Consagrados são pessoas vistas como referências administrativas ou burocráticas, já não sendo um espaço atrativo para doar a vida, quem sonha e se sente chamado por Deus para viver sua vida gerindo umas pesadas máquinas empresariais, maquiadas por uma publicidade que encampa um pesado discurso cristão?”

Nem sempre fica clara a opção pelo Reino e, por vezes, os Consagrados parecem seduzidos pelo *deus mercado*. Os jovens esperam que o que temos e somos esteja voltado para o Reino de Deus. Um jovem chega a dizer que:

“A meu ver é necessária, com urgência, uma fiel e coerente opção pela pobreza e pelos pobres. Só aí será possível ser sinal de uma vida disposta a doar-se na promoção e vivência da autonomia e da felici-

dade, antecipando o Reino em meio aos pobres e jovens. É preciso colocar seus capitais financeiros e formativos na roda, sem medo de perdê-los, como na parábola dos talentos.”

Estes jovens veem a VRC como comunidade de pessoas que vivem para além dos esquemas do capital. Por isso, o contrário é tão escandalizador. Para eles, os Religiosos por “sua benéfica distância do poder e do dinheiro faz deles seres simples que embelezam a Igreja, profetas de um mundo que está por vir, pessoas que doam sua vida na construção do reino de Deus.” É isso que eles esperam da VRC. “E no mundo atual, onde tudo está doente, vários casos de corrupção, violência e de mal cuidado um com o outro, a Vida Religiosa pode ser um fator de união”.

Falando mais especificamente sobre o Sínodo dos Jovens, um deles comenta que o processo sinodal deveria dar “sinais de uma Igreja que de fato resgate como prioridade pastoral, o amor aos pobres e que os Consagrados e Consagradas à Vida Religiosa levem a sério tal compromisso”. Como outros jovens ele afirma que:

“a Igreja não pode se fur-tar à esses assuntos que dizem respeito à vida da população. Portanto, se Jesus Cristo pregou-nos a vida, e disse que era vida plena, de qualidade, que de fato a Vida Religiosa também esteja disposta a praticar uma espiritualidade que a leve a enxergar Cristo no povo sofrido e oprimido, e lutar pela vida do povo.”

Conclusão

Com a poesia que dá título a este artigo e como a fala dos jovens afirma, eu também “acredito na força de um sonhador, na dureza do asfalto há sempre uma flor”. Assim se deu o seguimento de Jesus no decorrer dos séculos, este é o caminho e o que se espera da VRC. Os jovens da PJ, como o expressam as falas que passaram este artigo, esperam que Religiosos e Religiosas façam da própria vida uma resposta ao questionamento do Mestre: “Tu me amas?” (Jo 20,15-17). Foi por acreditar que o mundo precisava de mais amor, que os fundadores e fundadoras se lançaram na aventura do seguimento de Jesus. É o testemunho de pessoa humanas próximas das juventudes, reflexo

da opção de Jesus de Nazaré, que os jovens esperam da VRC.

Referências:

- CHITTSTER, Joan. *Fogo sob as cinzas: uma espiritualidade da vida religiosa contemporânea*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- DICK, Hilário. *Mínimo do mínimo para anunciar uma boa-nova à juventude*. Caderno ciência e fé. V. 1. N. 3. Curitiba: Champagnat, 2013.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o Convertido: A religião em movimento*. Petrópolis: vozes. 2008.
- PALMÉS, Carlos. *Ser o no ser: la vida religiosa del siglo XXI*. Lima: Paulinas, 2011.
- SOFIATI, Flávio Munhoz. *Juventude Católica: o novo discurso da teologia da libertação*. São Carlos: EdUFSCar: 2012.